Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
v. 6, n. 1, Edição Especial. 2020.
Missões

NOTAS DE UM PESQUISADOR-*FLÂNEUR* NA NOITE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS HÍBRIDOS EM LUGARES PÚBLICOS DE PORTO ALEGRE, RS

NOTES FROM A FLANEUR- RESEARCHER IN THE NIGHT HYBRID METHODOLOGICAL PROCEDURES IN PUBLIC PLACES IN PORTO ALEGRE, RS

Recebido em 17/04/2020
Aceito em 12/05/2020

Eloenes Lima da Silva[1]

Resumo: Este artigo apresenta procedimentos metodológicos utilizados em uma pesquisa de pós-graduação em Educação cujo objetivo foi dar visibilidade a modos pedagógicos de conduta noturna em lugares públicos na região do Centro Histórico de Porto Alegre, RS, Brasil. Vinculada ao campo dos Estudos Culturais, o estudo adotou uma metodologia híbrida de pesquisa, articulando tanto os aspectos objetivos das condições físicas dos lugares investigados, quanto os processos subjetivos vividos por meio das experiências dos sujeitos na noite da metrópole contemporânea. O texto está organizado em cinco seções. Na primeira, são apresentados aspectos da metodologia "polifônica" e movimentos inspirados na denominada "etnografia pós-moderna". As seções seguintes destacam a sequência dos procedimentos: a produção da rota investigativa por meio das caminhadas noturnas do pesquisador-*flâneur*; a seleção dos lugares públicos; as abordagens aos sujeitos e o registro de suas práticas; e a composição das cenas noturnas organizadas a partir das investigações nos lugares públicos. Na abertura de cada seção são expostos fragmentos de anotações retirados dos "noturnos de campo", destacando relatos que dão consistência narrativa ao que foi observado e também vivido pela participação do pesquisador em campo. Por fim, espera-se que o investimento em "hibridismos" teórico-metodológicos alavancado pelo campo dos Estudos Culturais possibilite outras perspectivas para a execução de pesquisas no campo da Educação.

Palavras-chave: Estudos Culturais, educação, metodologia de pesquisa, noite, metrópole.

Abstract
This article presents methodological procedures used in postgraduate research in Education whose objective was to raise visibility to pedagogic modes of nocturnal conduct in public places in the region of the Historic Center of Porto Alegre, RS, Brazil. Linked to the field of Cultural Studies, the study adopted a hybrid research methodology, articulating both the objective aspects of the physical conditions of the investigated places and the subjective processes lived through the experiences of the goers in the night of the contemporary metropolis. The text is organized into five sections. In the first, aspects of the "polyphonic" methodology and movements inspired by the so-called "postmodern ethnography" are presented.The following sections highlight the sequence of procedures: the production of the investigative route through the flaneur - researcher night walks; the selection of public places; the approaches to the individuals and the recording of their practices; and the composition of

[1] Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor nas redes pública e privada de ensino no Rio Grande do Sul. E-mail: eloenessilva@gmail.com

the night scenes organized from the investigations in public places. At the opening of each section, fragments of notes taken from the "nocturnal field" are exposed, thus, emphasizing accounts that provide narrative consistency to what was observed, also experienced by the participation of the researcher in the field. Finally, it is expected that the investment in theoretical-methodological "hybridity" levered by the field of Cultural Studies will enable other perspectives for the execution of research in the field of Education.

Keywords: Cultural Studies, education, research methodology, night, metropolis.

INTRODUÇÃO

Uma das contribuições dos Estudos Culturais foi a de inserir possibilidades inventivas em métodos de pesquisa. Em um contexto de "virada" cultural e epistemológica no campo das Ciências Sociais e Humanas, o "hibridismo" metodológico disseminado pelos Estudos Culturais está alinhado com sua dissociação das disciplinas acadêmicas tradicionalmente instituídas (KIRCHOF, WORTMANN, COSTA 2015). Para os autores, as possibilidades criativas e a pluralização passaram a caracterizar cada vez mais intensamente os Estudos Culturais, "o que está relacionado à sua capacidade de flexionar-se de acordo com cada contexto, articulando-se com diferentes saberes e mantendo compromisso com urgências políticas em sentido amplo" (2015, p. 10).

Carvalho (2001) segue essa perspectiva, salientando que os Estudos Culturais avançaram em um campo que, há pelo menos trinta anos, era de interesse exclusivo dos antropólogos. Para esse autor (2011, p.107), os Estudos Culturais liderados pela proposta teórica de Stuart Hall "propõem uma nova abordagem para uma etnografia das expressões culturais contemporâneas, refazendo os esquemas vigentes de interpretação de temas como identidade, relações raciais, sexualidade, pertença étnica, hibridismo cultural etc.". Essa dimensão "viajante" e "aventureira" dos Estudos Culturais permite modificar, adaptar ou articular os métodos utilizados nos diversos campos científicos.

A partir das possibilidades teóricas proporcionadas pelos Estudos Culturais, este artigo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados em uma pesquisa realizada entre os anos de 2014 e 2018 que investigou experiências vividas como modos de conduta em lugares públicos na noite da cidade de Porto Alegre, RS, Brasil. É preciso salientar que a pesquisa realizada não se colocou sob uma perspectiva antropológica, mas buscou inspiração metodológica em movimentos etnográficos e técnicas utilizadas em investigações em contextos urbanos contemporâneos. O texto está organizado em cinco seções. Na primeira, são expostas as características da metodologia "polifônica" proposta por Canevacci (2004),

pela qual os aspectos físicos e não físicos se fundem na metrópole, além da utilização de movimentos de pesquisa inspirados na denominada "etnografia pós-moderna" (GOTTSCHALK, 1998). As seções seguintes destacam a produção da rota investigativa a partir das caminhadas noturnas do pesquisador-*flâneur* na região do Centro Histórico de Porto Alegre/RS, a seleção e investigação dos lugares públicos, as abordagens aos sujeitos por meio da técnica da "observação casual" (Lorite García, 2000) e a composição das cenas noturnas organizadas a partir da observação e registro das práticas noturnas nos lugares públicos.

Na abertura de cada seção são apresentados fragmentos de anotações retirados dos "Noturnos de Campo", que recebem tal denominação em referência às saídas investigativas realizadas durante a noite da metrópole. As anotações realizadas junto aos lugares selecionados e investigados, além de capacitar registros de observações e práticas noturnas, funcionam como relatos de pesquisa pelos quais se destacam posturas metodológicas como distanciamentos, proximidades, além da participação do pesquisador durante o processo das saídas investigativas pela noite de Porto Alegre. Notas produzidas em meio ao espaço-tempo da noite urbana que procuram dar consistência narrativa ao que foi observado, mas também vivido, pelo pesquisador em campo.

O *corpus* empírico produzido durante a pesquisa foi composto por fotografias e vídeos em busca de registrar práticas noturnas realizada nos lugares públicos, além de depoimentos e conversas com os sujeitos abordados. A pesquisa adotou aspectos qualitativos pelos quais a relação sujeito-objeto é do tipo particular e o pesquisador procura entender os diferentes ambientes sociais, tipificando estratos sociais e funções, combinando-os por meio de representações específicas como atitudes, sentimentos, identidades, hábitos e práticas (BAUER, AARTS, 2014). Cabe salientar que a produção de dados envolvendo seres humanos como observações, registros, utilização de imagens e transcrição de conversas obedeceu aos procedimentos éticos e legais pertinentes à sua realização[2] com bases na resolução de n° 510/2016. Devido às dimensões desse texto, optou-se pela apresentação de determinados registros escritos, os demais podem ser conferidos no documento original.

INSPIRAÇÕES ETNOGRÁFICAS NA NOITE DA METRÓPOLE POLIFÔNICA

A movimentação característica de final do dia no centro de Porto Alegre, RS, já passou. Agora, embaixo do viaduto que serve como terminal rodoviário para as cidades da região metropolitana restam poucas pessoas. Observo as pessoas, que vão e vêm apressadas.

[2] O parecer de aprovação da pesquisa foi emitido em 1º/06/2017 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS).

Mulheres apertam suas bolsas, olham discretamente em sua volta, parecem desconfiadas. Medo na noite urbana?
Duas mulheres muito jovens com roupas extremamente sensuais que valorizam suas formas destacando suas pernas, peitos e nádegas descem de um ônibus e se dirigem para uma avenida próxima, notória por suas boates e outros locais para realização de programas sexuais. Dos dois lados do viaduto estão localizados alguns bares noturnos conhecidos como "inferninhos". Nas mesas dispostas na calçada, alguns homens tomam cerveja e disputam as meninas-mulheres que atendem os seus "fregueses". Desejo na noite urbana?
(Noturnos de Campo)

Os modos de entender e de pesquisar o universo noturno da metrópole não estão dissociados dos contextos de mudanças sociais e culturais, tornando-se dependentes dos espaços e tempos, das práticas e experiências neles vividos. Na noite encontramos a ilusão de liberdade, de desvinculação das regras e normas sociais impostas pelo dia, de não mais estarmos colonizados pelos poderes regidos pelo regime diurno e nem por eles controlado (MARGULIS, 2005). Para Santos e Moreira (2008, p. 252), a noite quase sempre foi vista como uma "realidade temporal de duração cósmica variável, cujo caráter obscuro levou que fosse conotada como tempo de repouso, de recato e de vinculação ao espaço privado [...]". Gwiazdzinski (2014), por sua vez, afirma que é à noite onde o "labirinto" cultural urbano se recompõe e outra cidade entra em cena, com suas luzes, sua decoração, seus novos atores, suas práticas e seus modos de vidas característicos. A noite das metrópoles contemporâneas serve como imaginário da vida boêmia e ambiente para desejos sexuais, passando pelo consumismo e criações de redes de prestação de serviços que o "mercado" da noite proporciona, até os indesejáveis territórios onde rondam o medo, a violência e a sobrevivência.

As experiências em que são aprendidos modos de viver na noite estão envolvidas com práticas sociais cotidianas, com relacionamentos e convívios, articulando modos de ser e estar, orientando modos de conduta, intermediando as realidades pessoais/internas com aquilo que é real/externo e colocando, com isso, os sujeitos "radicalmente em relação para si mesmo, para os outros e para o mundo" (ELLSWORTH, 2005, p. 2). Oriunda do latim *experiri,* em que o radical *peri* indica *periculum*, perigo; e sua raiz indo-européia *per* está relacionado à ideia de "travessia", a experiência pode ser entendida como "um encontro ou uma relação com algo que se experimenta ou se prova" (LARROSA, 2002, p. 25). Por isso, o autor entende (2002, p.21) que uma "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca", é o que dá sentido ao mundo e a como vivemos e aprendemos no e com o mundo. Viver uma experiência requer algo, pois nos atravessa, provoca nossos sentidos e cria realidades,

funciona como potente mecanismo de subjetivação a partir de nossos encontros como os outros, produzindo nossos modos de atuação e de condução.

A noite dos grandes centros urbanos abriga aqueles que pelas mais distintas intenções e situações nela convivem. A noite torna-se palco de outras identidades e dá lugar à libertação das regras e das rotinas do dia, à transgressão, à busca do prazer, da emoção e da excitação. Se por um lado, aquela visão da noite quase sempre favoreceu as "interioridades", tanto as de cunho subjetivo, de refúgio à esfera privada, por outro, a noite contemporânea deixou de se contrapor ao dia, assumindo um dinamismo próprio e envolvendo a "exterioridade" do espaço público.

É interessante perceber as relações entre a noção de "público", como vinculado a características exteriores, e a de "privado" que se liga ao "íntimo", a "interiorização" e como isso pode ser articulado com as pesquisas em ambientes urbanos. Enquanto o primeiro identifica o bem comum de toda a sociedade que é manifesto e aberto à observação geral, tornando-se gradualmente uma região especial da sociabilidade, o segundo significa uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos (SENNETT ,1988). A noção de público no século XVII, para o autor, estava ligado à plateia das peças teatrais, intensificando a ideia da vida pública como *theatrum mundi*, uma vida social encenada em público, uma certa teatralidade da vida cotidiana. A palavra "público" não significava, a partir da modernidade, "apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também que esse domínio público dos conhecidos e dos estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas" (SENNETT, 1998, p.30). Toda essa movimentação, segundo Sennett (1988), estava associada com um termo que encontra relação com o público da vida urbana: "cosmopolita", perceber-se na presença de estranhos em meio à pluralidade das cidades modernas.

Ao salientar que nos encontramos em um processo de transição de uma forma-cidade quase imutável comandada a partir de um centro, seja ele político, econômico ou cultural, o antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004) argumenta que estamos vivendo outra forma constitutiva de urbanidade contemporânea: a forma-metrópole. Para Canevacci (2004), a forma-metrópole é comandada a partir de muitos centros que se intercomunicam com os indivíduos múltiplos que por ela transitam. Nessa perspectiva, para o autor, a forma-metrópole "dilata" corpos, expandindo experiências, espaços físicos e arquitetônicos que se fundem no seu policentrismo contemporâneo.

Segundo Canevacci (2004), na metrópole tudo se (inter)comunica: pessoas, prédios, formas e percepções. Todos podem se tornar espectadores e atores por meio de suas vivências urbanas, agindo sobre as arquiteturas imóveis, interpretando os signos e seus valores no tempo e no espaço, pois existe uma comunicação dialógica entre um determinado edifício e a sensibilidade de um cidadão que elabora percursos absolutamente subjetivos e imprevisíveis. Leitor de Walter Benjamin, Canevacci (2004) credita a esse "narrador de cidades" a montagem de um método fragmentário em que é possível selecionar dados relativos à "percepção" em busca de um sentido do conhecimento. Em seu *texto A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica*, Benjamin (2012) já salientava que aspectos físicos como a arquitetura de uma cidade possuem formas de recepção que ativam a percepção dos seus habitantes. Escreve Benjamin (2012):

> Os edifícios comportam uma dupla forma de recepção: pelo uso e pela percepção. Em outras palavras: por meios táteis e óticos. [...] No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a recepção ótica. [...] Pois as tarefas impostas ao aparelho perceptivo do homem, em momentos históricos decisivos, são insolúveis na perspectiva puramente ótica pela contemplação. Elas se tornam realizáveis gradualmente, pela recepção tátil, através do hábito (p. 209).

Essas argumentações de Benjamin, formuladas nos anos de 1940, destacam as possibilidades de participação afetiva dos habitantes urbanos por meio das condições físicas e não físicas que as cidades proporcionam. Também para Canevacci (2004), através do aparelho perceptivo em contato com a arquitetura e demais aspectos urbanos, o indivíduo é invadido por contradições, "choques" e "colisões" que emergem a partir das experiências táteis, óticas e demais sentidos, proporcionando e ampliando as possibilidades da participação dos indivíduos na metrópole.

Para Canevacci (2004), a capacidade do aparelho perceptivo na cidade é ativada pela comunicação urbana que se assemelha a um coro, uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se e se sobrepõem umas às outras: a metrópole torna-se, assim, "polifônica". Segundo o autor (2004, p. 18), a pesquisa na metrópole "designa uma determinada escolha metodológica de 'dar voz a muitas vozes', experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto [...]". O método, nessas condições, torna-se também "polifônico", composto a partir dos múltiplos dados que podem ser produzidos nos ambientes urbanos: os sons, músicas, ruídos, vozes; as imagens, vídeos, cartazes, outdoors; os indivíduos com seus gestos, suas falas, suas ações. Desse modo, em contextos metropolitanos noturnos em que os limites geográficos, econômicos e culturais são

rompidos, em que se misturam os objetos e os sujeitos, torna-se praticamente inviável a aplicação de um método único e eficaz. Tudo está em conjunção na metrópole.

Para Canevacci (2004, p. 111), essa montagem que mescla sujeito e objeto – que à primeira vista é fragmentária, residual e difusa – torna-se o principal objeto, pois "destrói o velho aparelho conceitual, e, simultaneamente, requer dele a produção de um novo que, mesmo inserindo-se num contexto epistemologicamente dado, exige a 'reinvenção' de princípios e perspectivas, de olhares e narrações". Para o autor (2004), a polifonia está presente tanto no objeto quanto no método a ser utilizado e, muitas vezes, sua utilização vai depender dos múltiplos direcionamentos de pesquisa que seguem os caminhos trilhados em meio aos ambientes urbanos. Assim como a metrópole não possui mais um centro, mas uma multiplicidade policêntrica, o método também se (des)centraliza e, como os seus habitantes, está em permanente trânsito (CANEVACCI, 2004).

Gottschalk (1998) é outro autor que contribui para a utilização de uma metodologia híbrida de pesquisa na metrópole durante a produção no trabalho de campo. Para esse autor (1998), que realizou sua pesquisa etnográfica na cidade de Las Vegas, Estados Unidos, as produções desenvolvidas por meio das denominadas "etnografias pós-modernas" têm sido mais sensíveis, tanto no estilo quanto no conteúdo, às formas culturais no momento contemporâneo. Etnografias, segundo o autor (1998, p.2), "mais modestas quanto às reivindicações de possuírem a verdade e a autoridade, mais criticamente autorreflexivas com respeito à subjetividade e mais autoconscientes das estratégias linguísticas e narrativas". É preciso levar em conta que a utilização de tais métodos de pesquisa não dispensa tarefas essenciais como coleta, organização, interpretação, validação e comunicação de dados.

Em tais circunstâncias, o pesquisador deve permanecer constante e criticamente atento a questões como "as subjetividades, os movimentos retóricos e os problemas da voz, poder, política textual, limites à autoridade, asserções de verdade, desejos inconscientes e assim por diante" (GOTTSCHALK, 1998, p. 3). O autor elaborou cinco métodos ou "movimentos" para sua investigação naquela cidade. Gottschalk (1998) enfatiza que não pretende impor tais movimentos a quem quer que esteja realizando uma etnografia, pois para se criar um sistema metodológico diferente do seu, basta acrescentar outros movimentos ou substituir qualquer um deles da lista. Os métodos elaborados por Gottschalk estão articulados com os procedimentos de pesquisa apresentados nas seções seguintes do texto.

Dessa forma, adentrar a noite da metrópole contemporânea pode ser pertinente através de bricolagens investigativas entre as materialidades dos lugares e as imaterialidades das

experiências vividas. A utilização de uma metodologia híbrida de pesquisa na noite pode ser aquela que movimente composições objetivas e subjetivas em que tanto o pesquisador, os sujeitos de pesquisa quanto o espaço-tempo tornam-se indissociáveis, são participantes atuantes nos mesmos ambientes noturnos urbanos.

Vale lembrar que os procedimentos metodológicos apresentados neste texto foram construídos ao longo dos percursos realizados na noite, durante caminhadas de um pesquisador que observa, mas que também é observado, que vivencia situações e acontecimentos, registra, descreve, e também (re)escreve inúmeras vezes, na procura de se inserir, ainda que provisoriamente, em ambientes noturnos que se metamorfoseiam constantemente na metrópole.

ROTAS DE UM PESQUISADOR-*FLÂNEUR* NA NOITE

Vinte e duas horas de alguma noite fria no mês de agosto. A solitária descida noturna à região mais baixa e ao sul do Centro Histórico em Porto Alegre me conduz até uma "esquina" formada pelo encontro entre as ruas José do Patrocínio, Mal. Floriano Peixoto e Coronel Genuíno. Ouço burburinhos e avisto uma aglomeração, parecendo me convidar para seguir em direção aquele lugar. Um dos locais chama a atenção pela composição de uma cena noturna peculiar: seus frequentadores, reunidos em pequenos grupos, bebem, fumam, conversam, promovendo um "entra e sai" constante entre o interior de um bar e o espaço da rua.
(Noturnos de Campo)

As caminhadas noturnas constituíram o primeiro procedimento de pesquisa utilizado. Nessas perambulações, o pesquisador atuou como *flâneur,* desempenhando um papel próximo ao de um detetive que cria as conexões e articulações possíveis para seu trabalho investigativo, pois assume uma perspectiva de observador e desenvolve formas de reagir aos ritmos da metrópole, "capta as coisas em pleno voo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista" (BENJAMIN, 1994, p. 38). O *flâneur*, como foi apresentado por Baudelaire e exposto por Walter Benjamin (1994), é um tipo de indivíduo que, em sua prática de flanar quase sem rumo ou observando despreocupadamente as galerias de Paris do século XIX, pode ser visto como aquele que promove aberturas para olhar a cidade como paisagem vivida, como diálogos permanentes entre os sujeitos e os lugares.

Para Benjamin (1994), a "embriaguez" do *flâneur* que vagueia pela cidade "não se nutre apenas daquilo que, sensorialmente, lhe atinge o olhar; com frequência também se apossa do simples saber, ou seja, de dados mortos, como algo de experimentado e vivido" (p.186). O saber, assim como tudo o que desperta a memória do *flâneur*, descrito por

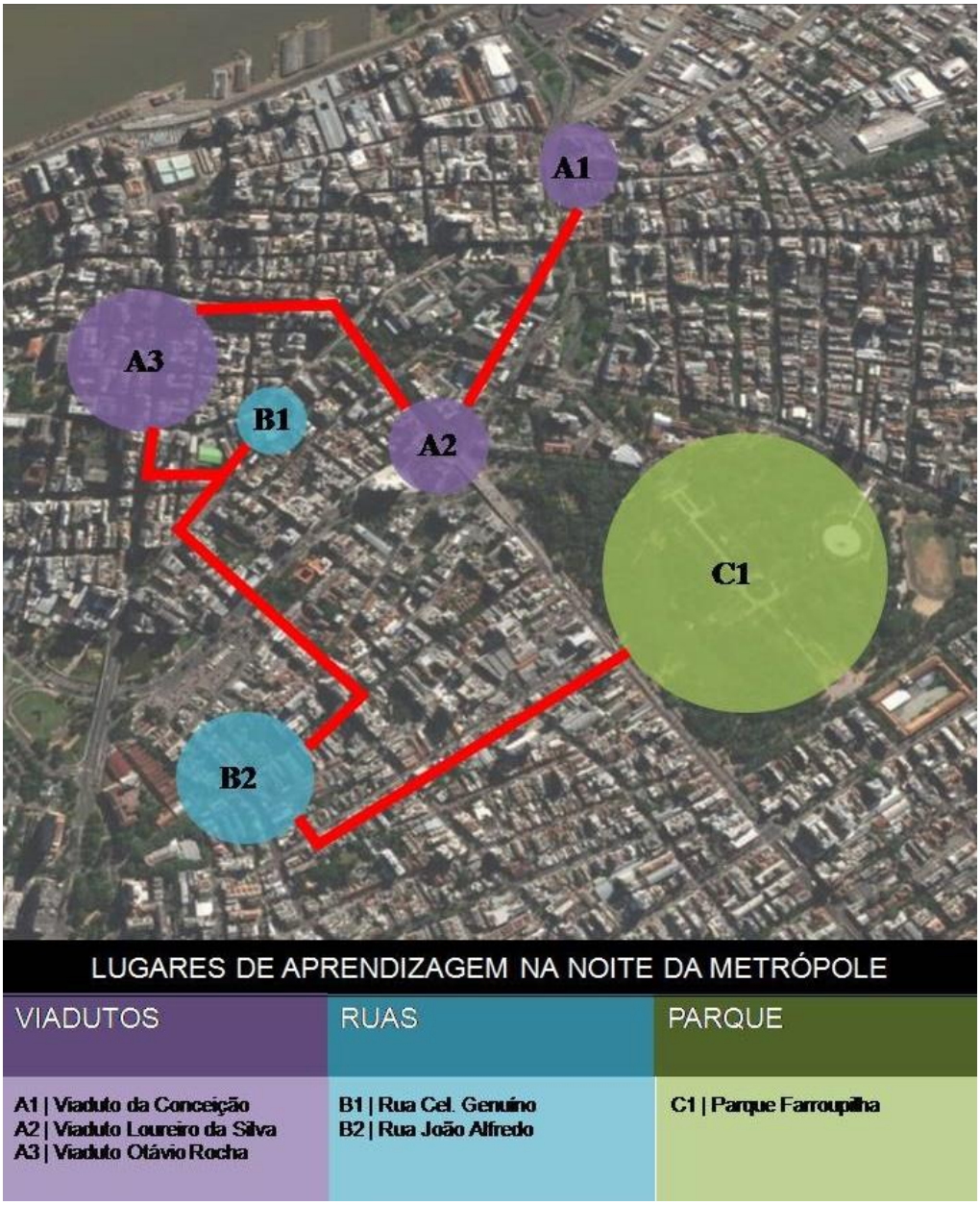
Benjamin como "anamnéstica", pode nos aproximar dos processos cognitivos, mas também remete ao entendimento de que os conhecimentos são vividos como experiências pelas quais o sujeito aprende por meio da ação de flanar como interação com a exterioridade do mundo.

Peter McLaren (2000), ao fazer uso da técnica e dos posicionamentos de um pesquisador-*flâneur* dentro de uma cultura contemporânea, afirma que esta figura corporifica a tentativa de viver em ambientes urbanos dentro de estratégias embaçadas e vertiginosas de representação e de discursos mutantes. McLaren (2000) possui a intenção de problematizar o "olhar reflexivo do etnógrafo", que diz respeito ao duplo papel daquele que vive como *flâneur* e como pesquisador. Para esse autor (2000), o pesquisador que vive nos espaços da cidade enfrenta um dilema, pois em suas "caminhadas criativamente carregadas, sempre ocupa de antemão a geografia existencial de seu próprio desejo e medo, à medida que vive na opressão da existência metropolitana e no hibridismo dos espaços públicos cosmopolitas" (p. 84).

Menos que dar vida a esse personagem perdido no tempo e que, certamente, seria engolido pelos ritmos frenéticos das metrópoles contemporâneas, a inspiração na figura de um *flâneur* contemporâneo buscou aproximar o pesquisador dos espaços-tempos noturnos. Um vagante noturno, registrando através de notas, fotografias e rascunhos, as práticas e experiências dispersas na noite, capturando fragmentos de vivências em determinados lugares públicos da cidade.

O mapa exposto na imagem a seguir demonstra o caminho noturno realizado pelo pesquisador e a localização dos lugares investigados, permitindo visualizar a região abrangida durante a pesquisa, bem como sinaliza os lugares de investigados.

Figura 1: mapa da rota e dos lugares selecionados durante a pesquisa



Fonte: acervo pessoal do autor.

A imagem expõe um desenho cartográfico a partir de uma perspectiva plana e distanciada com a intenção de que sirva como guia, indicando o trajeto realizado pelo pesquisador. Uma "rota noturna" sinuosa, caminhada quase labiríntica, mas que investe em um percurso intencionado, objetivando selecionar lugares, encontrar e abordar, sujeitos na noite em busca de observar e registrar suas práticas noturnas. Em razão disso, a montagem da rota percorrida e representada no mapa foi definida após a finalização do trabalho de campo na noite da região central de Porto Alegre.

A região abrangida pela pesquisa foi o Centro Histórico de Porto Alegre, o Bairro Cidade Baixa e o Parque Farroupilha. Os lugares noturnos selecionados foram três viadutos,

duas ruas de frequência boêmia e uma determinada extensão do Parque Farroupilha, maior parque público da cidade da região central de Porto Alegre, RS. Em cada um dos lugares selecionados foram compostas três cenas noturnas a partir das abordagens aos sujeitos nesses locais, bem como a observação e registros de suas práticas realizadas.

Cabe destacar que a rota noturna foi produzida de modo descontínuo, traçada e construída de forma não linear, sem duração de tempo ou datas previamente determinadas, pois dependeu de inúmeras caminhadas do pesquisador na noite da metrópole. Ao fazer uso de caminhadas noturnas como técnica de pesquisa em espaços urbanos, Gottschalk (1998) salienta que a "subjetividade" e a "autorreflexividade" podem agir como importantes componentes que ligam os problemas privados às questões públicas. Para o autor, estes movimentos metodológicos permitem a todo etnógrafo perceber tanto seu próprio instrumento autorreflexivo de pesquisa, quanto o "outro", que é relatado no texto sempre como uma versão produzida. Segundo Gottschalk (1998, p. 6), devemos desenvolver nosso próprio equilíbrio através do qual "relatamos nossa história de forma que propicie compreensão, identificação e empatia com fenômenos que estejamos evocando [...]", enquanto "reconheçamos e trabalhemos a inevitável presença de nossa subjetividade que está em todo o processo etnográfico", acrescenta.

INVESTIGAÇÃO DE LUGARES PÚBLICOS NA NOITE DA METRÓPOLE

Avisto um dos moradores que habitam o Viaduto Otávio Rocha. Um homem aparentando entre 35 a 40 anos de idade que se prepara, com seus pertences, para dormir. Apresento-me para iniciar uma conversa. Indago como ele consegue dormir sob as luzes ofuscantes, o ruído contínuo e alguns apressados passantes que transitam por ali. Com uma voz calma e quase melancólica, ele responde que em um ambiente escuro seria mais fácil de seus pertences serem furtados. Também revela que não estabelece nenhuma amizade ou qualquer outro tipo de relacionamento, pois não confia nas demais pessoas que circulam naquele lugar. (Noturnos de Campo)

Quando a dinâmica dos ritmos diurnos cessa, o imponente viaduto Otávio Rocha adquire uma diferente função, proporcionando um cenário noturno em que os personagens são outros, servindo de abrigo para aqueles que fazem ali sua morada. As condições físicas que aquela construção apresenta, por si só, já permitiriam identificá-la como um lugar de aprendizagem: as luzes refletindo em sua arquitetura, produzindo sombras que parecem animar as enormes esculturas em sua parte interna; o pouco trânsito dos carros na avenida, anunciando os primeiros silêncios da noite; os cheiros nada agradáveis da urina pelo lugar e as barracas improvisadas com lonas. Para os poucos apressados que ainda transitam por ali,

aquele lugar se transforma em um cenário noturno sombrio e desolador. No entanto, o viaduto parece demarcar as experiências daqueles que se preparam para dormir, aprendendo a viver naquele ambiente noturno.

As anotações dos Noturnos de Campo e o parágrafo acima apresentam o segundo procedimento de pesquisa: a investigação dos lugares noturnos selecionados. Gottschalk (1998, p.08) denomina como um dos movimentos etnográficos utilizados na pesquisa em ambientes urbanos a "evocação". A evocação mostra que a descrição não é a única estratégia de representação dos fatos, pois, ao invés de convencer o leitor da verdade de seu relato, o pesquisador busca promover "uma compreensão através do reconhecimento, identificação, experiências pessoais, emoção e formas de comunicação que comprometam o leitor com planos outros que não unicamente o racional". Segundo o autor (1998), a "evocação" busca realçar os registros autorreflexivos em uma tentativa de articular e promover outras compreensões das experiências cotidianas, com a utilização de metáforas para registrar a realidade física e falada, diálogos com informantes e a inclusão de aspectos culturais da cidade.

O movimento exposto por Gottschalk (1998) podem ser articuladas com as argumentações propostas por Ellsworth (2005) para identificar um lugar e as experiências vividas nesses locais. "Ler" um lugar, segundo pressupõe um foco nos significados e nas condições que determinados ambientes, comportamentos ou eventos apresentam para a produção de conhecimentos permanentemente em construção, possibilitando, com isso, a produção de distintas experiências vividas naquele lugar. Segundo a autora (2005), a arquitetura, os monumentos, os objetos e demais "materialidades" presentes no ambiente urbano movimentam nossas experiências subjetivas através da atuação conjunta e inseparável do corpo, da mente e do cérebro no espaço-tempo, transformando-o em "lugar de aprendizagem".

Ao subverter sua função e posicionamento fixo e instituído pelo pensamento racional, os lugares de aprendizagem atuam como interstícios na metrópole, promovendo aberturas para outros espaços-tempos. Movimentos pelos quais os sujeitos vivenciam experiências de aprendizagem mutantes, como destaca Ellsworth (2005), pois se processam por vias não lineares, onde os ritmos e velocidades nunca são estáticos, acompanham as performances, os eventos, as culturas que se movimentam nos espaços-tempos na noite urbana.

A investigação e a seleção dos lugares de aprendizagem levaram em consideração tais perspectivas teórico-metodológicas. É preciso salientar que os "lugares de aprendizagem" não

existem a priori, como se estivessem esperando pela sua captura e investigação em uma dada realidade. Assim como os dados da pesquisa, sua produção foi realizada por meio do registro das práticas cotidianas e das vivências observadas em determinados espaços-tempos públicos e urbanos.

SUJEITOS URBANOS E PRÁTICAS NOTURNAS

Noite de sexta feira. Dirijo-me ao local conhecido como Parque Farroupilha ou Redenção, na região central da cidade de Porto Alegre. Chego ao local e percebo centenas de pessoas em volta do lago artificial daquele local. Os ocupantes, jovens em sua maioria, estão sentados ou deitados na grama, outros estão flanando pelo parque, onde conversam, beijam, abraçam, cantam, tocam, dançam e recitam poesias em saraus improvisados ao ar livre. Bebidas, comidas e outros produtos artesanais são comercializados, aumentando a interação entre os participantes. Corpos, práticas, sensações, imagens, cheiros, sons e luzes se misturam naquele espaço-tempo público noturno. Um lugar de inúmeros encontros, como um lugar de múltiplas experiências de aprendizagem.
(Noturnos de Campo)

O terceiro procedimento utilizado consistiu nas aproximações e abordagens aos sujeitos que habitam ou ocupam os lugares noturnos, bem como na observação e registro de suas práticas. Como foi destacado anteriormente, as características de cada lugar são dependentes das condições proporcionadas e das experiências vividas. Desse modo, a investigação noturna movimentou diferentes "derivações", enfatizando o que Gottschalk (1998) denomina como "verdades locais" ou "lógicas" próprias de cada ambiente ou local. Para compor esse método investigativo, o autor (1998) buscou inspiração na *derive* que os Situacionistas[3] creditavam às cidades, onde os habitantes seriam mais do que espectadores. Seriam participantes de toda a interação no espaço urbano. Gottschalk (1998) considera a "sensibilidade" aos impactos de luz, som, cores e cheiros presentes em diversos locais e que afetam nossos sentidos. É possível articular a perspectiva da deriva com a metodologia da "metrópole polifônica" de Canevacci (2004), por meio do que os Situacionistas denominavam como "psicogeografia". Para Felício (2007), nessa perspectiva teórico-metodológica os componentes geográficos de um lugar como a arquitetura, a luz, o clima, os sons produzidos na cidade afetavam o comportamento humano, envolvendo e determinando a observação e a percepção da cidade e dos cenários urbanos por parte dos sujeitos que por ela transitam.

[3] A expressão *derive* foi utilizada pelo movimento de vanguarda surgido na Europa após a Segunda Guerra Mundial conhecido como Internacional Situacionista. Formado por Guy Debord, em 1951, a partir de dois movimentos, a *Internationale Lettriste e International Movement for na Imaginist Bauhaus*, a IS propunha outras formas críticas de perceber, entender e interagir com a cidade.
Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/69. Acesso em: 21 março de 2017.

Outro procedimento de pesquisa vinculado com as abordagens aos sujeitos nos lugares públicos foi a observação e o registro da realização de práticas noturnas. Certeau (1998) defende que práticas ordinárias são multiformes e astuciosas, pois instauram o sentido de espaço vivido e uma familiaridade com a cidade. Harvey (2008. 95) salienta que a descrição mais simples das práticas cotidianas é aquela em que os "indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito e engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento do espaço". Hall (1997), por sua vez, considera as práticas culturais "como um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva", pois ela requer significados e é relevante para eles. Hall (1997, p. 16) salienta que uma prática cultural, como ação social, possui significados tanto para seus praticantes quanto para aqueles que observam: "não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta em relação com os outros".

Os sujeitos da pesquisa se aproximam do que Bauman (2008, p. 23), ao se amparar na sociologia interpretativa de Max Weber, denomina de "tipos ideais", pois, enquanto realizadores de práticas noturnas, esses indivíduos se configuram como "'modelos' essenciais destinados a tornar inteligíveis as evidências da experiência que de outro modo pareceriam caóticas e fragmentadas" [grifo do autor]. É importante sublinhar que os sujeitos abordados juntos aos lugares públicos não foram apenas utilizados para apresentar e descrever o funcionamento de práticas sociais em uma dada realidade, mas sim como vidas que dão sentido ao retrato específico do espaço-tempo que a pesquisa procurou mostrar.

Em relação às abordagens aos sujeitos encontrados nos lugares noturnos e por tratar-se de uma investigação que priorizou rotas do pesquisador na noite, a técnica utilizada foi a da "observação casual". Para Lorite García (2000, p. 8), o uso da "observação casual" – e não casual observação – se "inicia ao acaso", advertindo que não seleciona *a priori* os locais da cidade para suas observações. No entanto, um lugar-chave para o autor (2000) é aquele onde é possível observar as mudanças efetivas que estão sendo produzidas em uma dita realidade. Segundo Lorite Garcia (2000), o tempo destinado a essa observação não é estabelecido previamente, durando a viagem de ida e volta do seu trabalho.

Lorite García (2000) afirma que o observado casualmente não está sendo casualmente observado, pois, ao observar o que acontece durante um tempo, o autor presta atenção ao

observado porque está respaldado por um modelo teórico, flexível e polietápico[4], que está se construindo durante toda sua vida de pesquisador. Mediante essa observação casual, o autor (2000) constrói e reproduz discursos, afirmando: "são narrações compostas que gravo mentalmente e monto textualmente com critérios audiovisuais como se tratasse de cenas e sequências de uma película" (p. 9). Tal técnica metodológica possibilitou não só observações, mas registros das práticas dos sujeitos abordados. A aparente "casualidade" não consiste na escolha ao acaso, mas sim identificar a partir da observação das práticas de um sujeito realizadas no lugar investigado.

Afetado por todas as condições e situações proporcionadas, o pesquisador também vivenciou experiências no lugar investigado, aproximando-se aos sujeitos por meio conversas informais. Os registros resultantes de tais abordagens foram inicialmente transcritos em sua forma literal, a partir de áudio-gravações, com mudanças apenas daqueles termos, expressões ou repetições que poderiam dificultar o entendimento, fornecendo, com isso, uma versão mais "limpa" para a leitura e a compreensão do texto. As abordagens foram realizadas nos espaços públicos em que os sujeitos estavam para a realização de suas práticas noturnas. Não foi feito uso de imagens com identificação pessoal e os nomes apresentados são fictícios.

COMPOSIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS CENAS NOTURNAS

A nossa campanha se chama Poa Me Faz Sorrir *e ela consiste em fazer com que as pessoas se lembrem de alguns momentos e alguns lugares que já as fizeram sorrir em Porto Alegre e que ainda têm chance de fazê-las sorrir novamente. Então, a gente pede para as pessoas mandarem suas memórias afetivas, mandarem o lugar que as faz felizes, o lugar que as faz sorrir [...], para que a gente possa mostrar para outras pessoas e talvez essas outras pessoas tenham a iniciativa de viver, de conhecer, de ir nesses lugares, de ter esperança de que Porto Alegre possa ser um lugar bom de novo.*
(Noturnos de Campo)

O depoimento acima foi concedido por duas meninas que divulgavam sua campanha social durante um evento noturno realizado no *Parque Farroupilha*, em Porto Alegre, RS. Com o objetivo de resgatar a convivência noturna por meio de encontros, convívios e trocas sociais, o *Parque Farroupilha* sedia o evento realizado periodicamente e conhecido como *Serenata Iluminada*. "Ocupando o parque para pensar a convivência em Porto Alegre" consta como descrição desse encontro noturno divulgado via redes sociais na internet. O evento é apresentado como uma causa cujo propósito visa "a ocupação dos espaços públicos da cidade,

[4] O modelo é assim denominado pelo autor (idem. ibidem.), pois está sendo aprofundado e ampliado com aportes de investigadores de diferentes países americanos e europeus.

em prol de mais segurança, do direito à cidade, para que todos possam compartilhar os parques, as ruas, com os amigos, vizinhos, familiares, enfim, com todas as pessoas, também à noite"[5].

A participação do pesquisador-*flâneur*, durante um dos encontros da *Serenata Iluminada*, destaca como os convívios, a aproximação física, os afetos e demais práticas realizadas em um lugar noturno são cruciais para as experiências vividas no espaço-tempo noturno daquele lugar. A ação daquelas jovens, observadas tanto pelo pesquisador quanto pelos demais sujeitos participantes daquele encontro a céu aberto, serve para elucidar como as "cenas noturnas" foram compostas em um lugar público à noite. Organizadas a partir das abordagens, observações e registros de práticas noturnas realizadas junto aos lugares públicos, as "cenas noturnas" se constituíram como o quarto e último procedimento utilizado na pesquisa.

Oriunda do latim *scena* e do grego *skené*, a palavra cena pode ser o "lugar onde se passa uma ação, cenário"; "paisagem, horizonte de visão" ou "estar em cena, ser alvo de interesse, de comentários; estar em moda"[6] ou, ainda, como assinala Nascentes (1955), "cena" pode ser definida como "tenda", "lugar de sombra", "abrigo de madeira onde se vestem os atores", remetendo a um ambiente onde os indivíduos se transmutam em "personagens", compondo a paisagem noturna observada nos lugares investigados.

As cenas que não se localizam em nenhum dos lugares selecionados e investigados foram denominadas de "entrecenas". A primeira entrecena procura mostrar como determinadas aprendizagens são produzidas no convívio público e cotidiano de um motorista de táxi noturno com os passageiros que fazem uso de seu serviço, enquanto a segunda apresenta como um garçom em sua atividade de trabalho na noite aprende "táticas" para conhecer e identificar as melhores formas de lidar com seus clientes. Assim como as cenas, as entrecenas também foram compostas a partir de conversas e pela observação e registro de práticas realizadas nesses outros espaços da noite na metrópole.

Para Gottschalk (1989), as paisagens urbanas provocam interações com os muitos indivíduos, acontecimentos e lugares que nelas coexistem e, desse modo, levando o pesquisador a diminuir sua "autoridade" e incorporar as múltiplas vozes e os "saberes populares" que circulam nos ambientes urbanos das metrópoles contemporâneas. Para

[5] Conforme descrição divulgada na página oficial do evento. Disponível: https://www.facebook.com/pg/SerenataIluminada/about/?ref=page_internal . Acesso em junho de 2017.
[6] Fonte: Dicionário de Português: https://www.dicio.com.br/cena/. Acesso: abril de 2017.

Gottschalk (1989), os sujeitos, os "outros" de nossa pesquisa, deveriam ser convidados por nossos textos a falar e participar de uma forma que não fosse reduzida a citações estrategicamente inseridas para afirmar determinadas questões investigativas, mas sim como participantes ativos, "pessoas que precisam ser incorporadas como vozes teóricas que guiem a própria construção do conhecimento que produzimos acerca das experiências que elas e nós temos" (p. 15).

É preciso considerar, em se tratando de cenários da vida pública urbana, a construção de um "conjunto de cenas" composta por três dimensões: a física, a comportamental e a significação (GOMES, 2013). Através da composição das cenas em cada lugar investigado foi possível agrupar práticas, destacar detalhes, descrever sujeitos e ações. Componentes ordinários de um lugar que muitas vezes passam despercebidos, mas são crucias para experiências de aprendizagens vividas no espaço-tempo noturno de um lugar. Desse modo, a composição do "cenário" de pesquisa como um conjunto de práticas, de objetos e de sujeitos unidos e simultâneos em um mesmo espaço-tempo noturno é o que possibilita atribuir distintos significados às experiências vividas na noite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade da noite na metrópole implicou uma experiência de pesquisa para aprender a lidar com desafios. E para que uma pesquisa se transforme em uma experiência singular e desafiadora é preciso um certo estado de disposição, uma certa maneira de habitar o ofício de investigador (LARROSA, 2017). Habitar a pesquisa exigiu contornos, recortes, opções e articulações em grande parte possíveis pela filiação ao campo dos Estudos Culturais que permitiu maior maleabilidade teórica e a utilização de uma metodologia híbrida. Os procedimentos de pesquisa apresentados neste texto permitiram a organização investigativa, tanto para adentrar o universo noturno quanto para as análises e produção e apresentação final da pesquisa em forma de tese. Assim como a noite da metrópole se mostrou mais do que um imutável "objeto" de pesquisa a ser explorado, evidenciando uma multiplicidade de espaços-tempos compostos de lugares, sujeitos e práticas sociais, do mesmo modo, a metodologia derivou da fluidez que movimenta os ritmos e trânsitos urbanos contemporâneos.

A rota de pesquisa traçada pelo flanar noturno do pesquisador na região central de Porto Alegre foi uma opção metodológica que permitiu aproximações investigativas, seleção dos lugares noturnos, observação, abordagens aos sujeitos encontrados na noite e o registro das práticas realizadas. Durante tais saídas foi preciso despir-se dos ritmos diurnos. Foi

preciso exercitar um olhar noturno, sem pressa. Um exercício de pesquisa na noite. Uma experiência de aprendizagem também para o pesquisador. Uma realidade de pesquisa que foi construída ao longo da investigação pela noite da metrópole e, em parte, representada textualmente neste trabalho. A pesquisa, nesse sentido, funciona como uma condução pela qual o pesquisador não perambula sem rumo pela metrópole e, ainda que muitas vezes nômade, é direcionado por intenções, por circunstâncias, por contingências dos lugares, adotando trajetos, que de uma forma ou de outra foram previamente supostos.

A pesquisa em lugares noturnos da metrópole é recheada de situações que atravessam e desafiam a vida do pesquisador, suscitando reflexões como aprendizagens que também são vividas durante as investigações. Seja acompanhando jovens em lugares boêmios, onde o afastamento do pesquisador consiste em entender que aquelas culturas são reguladas por afetos e desejos diferentes dos seus, ou, que as abordagens a moradores de rua exigem muito mais do que a capacidade de se colocar naquela situação, mas perceber que tais sujeitos não escondem os medos comuns aos demais habitantes da metrópole como a insegurança e toda sorte de violências.

Aprender a observar esses outros espaços e tempos de vida, essas outras idades e esses outros modos de ser e estar na noite foi uma forma de reinvenção, tanto dos movimentos investigativos quanto da visão do pesquisador em campo. Uma possibilidade de problematizar a investigação, como destaca Larrosa (2017), não a partir de "ser" quem sou, como sou enquanto investigador ou como faço minhas investigações, mas sim como "estar" em uma investigação, "nas maneiras de habitar o espaço em que se investiga" (p. 28). Ocupar e habitar o lugar de pesquisa também pode ser uma experiência de aprendizagem pela qual o pesquisador conduz a investigação, mas também é conduzido por ela, produzindo outros formatos metodológicos, pois eles se encontram emaranhados com os distintos modos de existir na noite da metrópole.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.*). Pesquisa qualtitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BAUMAN, Zigmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa e Emerson Alves Baptista. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas: vol. III).

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Tradução de Sérgio Paulo Ruanet; Prefácio Jeane Marie Gagnebin. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 1).

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARVALHO, José Jorge de. O Olhar Etnográfico e a Voz Subalterna. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832001000100005>. Acesso em: 10 mar. 2016.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – 1. Artes de Fazer.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Places of Learning: media, architecture, pedagogy*. London; New York: Routledge, 2005.

FELÍCIO, Erashto. Internacional Situacionista. In: FELÍCIO, Erashto. (Org.). *Deriva, psicogeografia e urbanismo unitário.* Porto Alegre: Deriva, 2007.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O lugar do Olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOTTSCHALK, Simon. Sensibilidades Pós-Modernas e Possibilidades Etnográficas (Postmodern Sensibilities and Ethnographic Possibilities). Tradução de Ricardo Uebel. In: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. *Fiction and social research: by ice or fire*. AlnutCreek/London/New Delhi: Altamira Press, 1998. (Ethnografic Alternatives V. 4. Capítulo13).

GWIAZDZINSKI, Luc. A condição noturna. In: *Colaboratória, Grupo Interdisciplinar. Manifesto da Noite*. Grupo Interdisciplinar Colaboratória. São Paulo: Invisíveis Produções, 2014.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.* Educação & Realidade, v. 22, n. 2, p.15-46, jun./dez. 1997.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.* Tradução de Adila Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA Marisa Vorraber. Apontamentos à guisa de introdução. In: KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA Marisa Vorraber. (Orgs.). *Estudos Culturais & Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões.* Canoas: Ed. ULBRA, 2015, p.7-20.

LARROSA, Jorge. Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. rev. amp. --Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf.Acesso em: 15 abr.. 2020.

LORITE GARCÍA, Nicolás. *La observación casual: uma proposta para el estúdio de lãs transformacionessócio-mediáticas*. Encontro Internacional de Investigadores de la Comunicacion. Alaic, 2000, 26-27 de abril. Santiago de Chile.

MARGULIS, M. et al. La Cultura de la Noche: la vida noturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblos, 2005.

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo Revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio.* Tradução de Márcia e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, Norberto Pinto dos; MOREIRA, Claudete Oliveira. O lazer e a noite. imagens de uma cidade universitária: Coimbra (2008). In: SANTOS, Norberto Pinto dos; GAMA, António. (Orgs). *LAZER: Da Libertação do tempo à conquista das práticas*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2008.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.* Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.